

## ZONA III – DISTRITO DE CASTELO BRANCO

### LÍNGUA

Ernestina Carrilho

ALVES, A. Alfredo (1890-1892) «Notas sobre a linguagem vulgar de aldeia de Santa Margarida (Beira-Baixa)», *Revista Lusitana*, II, pp. 241-252. [Concelho de Idanha-a-Nova] [on-line] <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/bdc/etnologia/revistalusitana/> [consulta: 17.07.2006].

BRAKEL Jr., Carl Arthur (1972) *The Phonological Systems of São Romão, Belmonte, and Ourondo. A Study in Structural Dialectology*. Diss. The University of Wisconsin. University Microfilms, Inc., Ann Arbor, Michigan 1976.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1959) «Monsanto. Etnographie et langage», *Orbis*, VIII, pp. 540-544.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1961) *Monsanto. Etnografia e linguagem*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.

CARVALHÃO, Maria Leonor de L. Viana (1955) *Monsanto: estudo etnográfico, linguístico e folclórico*. Lisboa: Universidade de Lisboa. [Dissertação de licenciatura].

CORDEIRO, Adelino (1939) *A língua e a literatura popular de Penamacor: da etnografia da Beira*. [s.l.: s.n.].

COSTA, Francisco Alves da (1954) «Apostilas aos dicionários (palavras usadas na aldeia do Rosmanihal, a cerca de 50 quilómetros de Castelo Branco)», *A bem da língua portuguesa. Boletim da Sociedade da Língua Portuguesa*, V. Lisboa.

DIAS, Jaime Lopes (1942) «A linguagem popular da Beira Baixa (apontamentos)», *Etnografia da Beira*, vol. 6, pp. 261-308. [Reed. acrescentada in *Estudos de Castelo Branco*, 1 (1961), pp. 145-160; 2 (1961), pp. 177-183; 3 (1962), pp. 139-153; 4 (1962), pp. 51-56; 5 (1962), pp. 67-82; 7 (1963), pp. 83-107.] [Sep. ‘com aditamentos’: Lisboa, 1962].

FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, José Ramón (1993) «La inflexión /a/ /e/ en la Romania: el fenómeno en la Beira Baixa portuguesa y el Valle de Ancares (Léon)», *Separata de Revista Portuguesa de Filologia*, XX.

GONÇALVES, Maria Filomena R. de Almeida (1989) *Recolha de um falar de Bogas-de-Baixo [concelho do Fundão]*. Évora: [s.n.].

LOURENÇO, Catarina (2000) *Ladoeiro: um falar (a)típico*. Coimbra: A Mar Arte. [Ladoeiro: freguesia do concelho de Idanha-a-Nova].

LÜDTKE, Helmut (1957) «2) Die Vokalsysteme des Alto Alentejo und der Beira Baixa. 3) Die ou- Isophonen in Mittelportugal», in LÜDTKE, Helmut, «Beiträge zur

Lautlehre portugiesischer Mundarten», in CATALÁN, Diego (ed.) *Miscelánea homenaje a André Martinet: estructuralismo e historia*. La Laguna: Universidad de la Laguna, vol. 1, pp. 106-112.

MARTINS, Ana Maria; VITORINO, Gabriela (1989) «Palatalisation et vélarisation conditionnées de la voyelle tonique dans certains dialectes portugais. Évolutions identiques dans l'espace roman», in *Espaces romans. Études de dialectologie et de géolinguistique offertes à Gaston Tuailon*. Grenoble: ELLUG, Université Stendhal, Grenoble III, vol. 2, pp. 330-356.

MARTINS, Maria José Dias (1954) *Etnografia, Linguagem e Folclore de uma pequena região da Beira Baixa (Póvoa da Atalaia, Alcongosta, Tinalhas e Sobral do Campo)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Dissertação dactilografada].

TABORDA, José (1972) *Terminologia da pastorícia na Beira Baixa*. Castelo Branco: [s.n.].

VASCONCELLOS, José Leite de (1985) «Dialecto Beirão» in CINTRA, Maria Adelaide Valle (ed.) *Opúsculos. Volume VI. Dialectologia (parte dois)*, pp. 217-444; 451-455. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda. (I Parte: artigos redigidos pelo autor, pp. 217-287; II Parte: artigos organizados e redigidos pela editora com base nos materiais recolhidos pelo autor, 289-444). [Contém, na II Parte, notas sobre Belmonte, Castelo Branco, Idanha, Penamacor e outras localidades].

VILHENA, Maria da Conceição (1965) *Falares de Herrera e Cedillo*. Lisboa: Faculdade de Letras. [Dissertação de licenciatura] [Numerosas referências a Montalvão, a Malpica do Tejo e outras localidades. Atestação de semelhanças fonéticas com o dialecto de Castelo Branco-Portalegre].

VILHENA, M. Da Conceição (1995) «Falares portugueses en territorio castellano: Herrera de Alcántara. Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários» in PEREIRA, Cilene; PEREIRA, Paulo Roberto (orgs. y coords.) *Memoriam Celso Cunha*. Río de Janeiro: Nova Fronteira, pp. 417-428.

VILHENA, Maria da Conceição (2000) *Falares de Herrera e Cedillo*. Mérida: Junta de Extremadura, Gabinete de Iniciativas Transfonterizas.

## ZONA III – DISTRITO DE CASTELO BRANCO

### CULTURA

Ernestina Carrilho

ALEXANDRE, Maria de Guadalupe Transmontano (1976) *Etnografia, linguagem e folclore de Castelo de Vide (Distrito de Portalegre)*. Portalegre: Edição da Junta Distrital de Portalegre.

ALVES, A. Alfredo (1895) «Algumas tradições populares (recolhidas em Aldeia de Santa Margarida, concelho de Idanha-a-Nova)», *Revista Lusitana*, III, pp. 74-79. [on-line] <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/bdc/etnologia/revistalusitana/> [consulta: 18.07.2006].

ANDRADE, Mário Marques de; DIAS, Jaime Lopes (1988) *Subsídios para a monografia de Segura: aldeia raiana das mais pitorescas*. Tomar: M. M. Andrade (Gráfica de Tomar).

ARAGÃO, Leonor de P. O. de C. Trigueiros de (1994) *Quintas: uma aldeia da Beira Baixa: estudo antropológico*. [s. l.: s.n.].

BARGÃO, J. D. (1945) *Monografia de Salvaterra do Extremo*. Lisboa.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1959) «Monsanto. Etnographie et langage», *Orbis*, VIII, pp. 540-544.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1961) *Monsanto. Etnografia e linguagem*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.

CÂMARA MUNICIPAL de IDANHA-A-NOVA – «Cultura, Património, Artesanato» [on-line] <http://www.cm-idanhanova.pt/cultura/artesanato.html> [consulta: 15.10.2006].

CARDOSO, José Manuel Ribeiro; CHAVES, Luís; MOURA, Maria Clementina C. (1980) *O "bordado" e as colchas de Castelo Branco*. Castelo Branco: Museu de Francisco Tavares Proença Júnior.

CARVALHÃO, Maria Leonor de L. Viana (1955) *Monsanto: estudo etnográfico, linguístico e folclórico*. Lisboa: Universidade de Lisboa. [Dissertação de licenciatura].

CORDEIRO, Adelino (1935) *Costumes de Penamacor: um casamento*. Viana do Castelo: [s.n.].

CORDEIRO, Adelino (1936) *Costumes de Penamacor: etnografia da Beira*. Viana do Castelo: [s.n.].

CORDEIRO, Adelino (1937) *Etnografia da Beira. Religião e credices. Lendas e costumes de Penamacor*. Viana do Castelo.

CORDEIRO, Adelino (1938) *Cultura agrícola do concelho de Penamacôr: sua vida económica, cantos e costumes do campo*. Castelo Branco: [s.n.].

CORREIA, J. Diogo (1938) *Cantares da Malpica. Beira Baixa. Canções do Natal, do Entrudo, da Quaresma, da Páscoa, da ceifa, de S. João e outras*. Lisboa [s.n.].

CORREIA, J. Diogo (1953) *Apontamentos para a monografia de Malpica do Tejo*. Lisboa: Edição do autor. [Cap. VI dedicado a etnografia: nascimento, casamento e morte. Lendas. Letra e música de alguns romances].

CRESPO, Firmino(1954) *Cancioneiro da Senhora do Almortão*. Lisboa: [s.n.].

DIAS, Jaime Lopes (1925) «Distrito etnográfico. Medicina popular supersticiosa», *Acção Regional*, II (52). Castelo Branco.

DIAS, Jaime Lopes (1926) «Distrito etnográfico. A festa das papas em Alcains», *Acção Regional*, II (65). Castelo Branco.

DIAS, Jaime Lopes (1926) «Distrito etnográfico. São Domingos de entre Zebreira e Rosmaninhal», *Acção Regional*, II (79). Castelo Branco. [Festa em que a imagem pertence a uma freguesia e a capela a outra].

DIAS, Jaime Lopes (1926-1971) *Etnografia da Beira*. Lisboa: Livr. Morais. [Vol. 1: Lendas, costumes, tradições. crenças e superstições. Vol. 2: O que a nossa gente canta. Vol. 3: Contos e lendas. Costumes. Tradições. Crenças e superstições. Vária. Vol. 4: O que a nossa gente canta. Vol. 5: Lendas e romances. Costumes, tradições. Crenças e superstições. Vol. 6: Lendas e romances, costumes, indústrias rurais, crenças e superstições. Linguagem. Vol. 7: Lendas, contos, romances, costumes, indústrias regionais, tradições, crenças e superstições. Vol. 8: A habitação, contos e lendas, costumes, indústrias, tradições, crenças e superstições. Vária. Cancioneiro. Vol. 9: Contos, lendas, mitos e narrativas. Costumes. O traje. Os penitentes. Notas etnográficas e históricas. Vol. 11: Índice geral].

DIAS, Jaime Lopes (1928) «Distrito etnográfico. As três palavras ditas e retornadas», *Acção Regional*, IV (147). Castelo Branco.

DIAS, Jaime Lopes (1969) «Volfrâmio e estanho na vida e costumes da Beira Baixa», *Revista de Etnografia*, XXIII (=XII, 1), pp. 35-39.

FERRÉ, Pere; FALCÃO, José António; FERREIRA, Jorge M. Rodrigues (1987) *Novos inquéritos : romanceiro tradicional do distrito de Castelo Branco*. Lisboa: Estar.

FERREIRA, Seomara de Veiga (1970) *Etnografia de Idanha-a-Velha: Egitânia*. Castelo Branco: Junta Distrital de Castelo Branco.

GARCIA, M. Antonieta G. Baptista (1993) *Os judeus de Belmonte: os caminhos da memória*. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões.

JOYCE, Avelino (1939) «Relatório do Júri Provincial da Beira Baixa», *Revista Ocidente*, IV, pp. 99-121.

JOYCE, Avelino (1939) «Acerca das canções populares de Monsanto e Paul», *Revista Ocidente*, IV, pp. 276-296, 445-466. Lisboa. [Letras, músicas e comentários].

LOBATO, João Rodrigues (1982) Esboço monográfico da parte nordeste da freguesia de Penamacor. [s.l.: s.n.].

MARTA, Cardoso; MULLER, Adolfo Simões; VIANA, Salles (1947) *Monsanto*. Lisboa. [Notas sobre trajos, casas, celebrações religiosas, cancionero].

MARTINS, Manuel Alfredo de Moraes (1986) *Malpica do Tejo: terra pobre, povo nobre*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Tese de doutoramento.

MONTEIRO, José (1943) «Introdução ao Cancioneiro da Beira Baixa», *Revista Lusitana*, XXXVIII, pp. 143-195. [Cancioneiro religioso do ciclo do Natal. Considerações acerca da origem da poesia popular. Ordenação em dois grupos: romanceiro e cancionero lírico]. [on-line] <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/bdc/etnologia/revistalusitana/> [consulta: 17.07.2006].

MUSEU DE FRANCISCO TAVARES DE PROENÇA JÚNIOR (1978) *Monsanto: 1938-1978: 4º aniversário do rancho folclórico de Monsanto, da conquista do “Galo de Prata” e da vida literária de Fernando Namora*. Castelo Branco: Museu de Francisco Tavares de Proença Júnior.

NUNES, António Pires; RIBEIRO, João Henriques (1980) *Castelo Branco e sua região: história, arte, etnografia*. Coimbra: Epatur.

PESSANHA, Sebastião (1951) «Fechos das coleiras do gado na Beira-Baixa e no Alentejo», *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia*, XIII, pp. 79-120. Lisboa.

PESSANHA, Sebastião (1953) «O ferrado, o picheiro e a ferrada: vasilhas para ordenhar no Alentejo e nas Beiras», Separata de *A cidade de Évora (Boletim da Comissão Municipal de Turismo)*, XXXIII-XXXIV. Évora: [s.n.].

PINA, Luís de (1937) «Ensaio de folclore médico português (Beira Baixa)», *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*, VIII (2), pp. 147-211. Porto.

PINHO, Flávio A. N. Correia de (1995) *A música tradicional de Penha Garcia*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2 vols. [Tese de mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas].

RIBEIRO, Margarida (1961) «Cerâmica popular de Nisa», separata da *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, XVII (4). Madrid.

RIBEIRO, Orlando (1939) «Povoamento rural e regime agrário no Sudeste da Beira», *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, IV.

RIBEIRO, Orlando da Cunha (1943) «A cultura do trigo no sueste da Beira. Aspectos e problemas geográficos», Separata de *Boletim da Federação Nacional dos Produtores de Trigo*, V. Lisboa.

SALVADO, António (1984) *A poesia popular da Beira Baixa*. Castelo Branco: Revista Adufe. [Sem referência a concelhos específicos].

SALVADO, Pedro M. N. dos S. Forte (1996) *Relações transfronteiriças na raia do concelho de Idanha-a-Nova: Tempos, espaço e memória*. Lisboa: Universidade Nova. [Dissertação de mestrado em Literatura e Cultura Portuguesa].

SILVA, Maria Justino (1985) «Aspectos da religiosidade popular em Aldeia do Bispo (Penamacor)», separata de *GAAC (Revista do Grupo de Arte e Arqueologia do Centro)*, X.

SILVA, Maria Justino (1986) «Costumes e tradições populares em Aldeia do Bispo (Penamacor)», separata de *GAAC (Revista do Grupo de Arte e Arqueologia do Centro)*, XI-XII.

VIANA, Sales (1967) *O traje popular na Beira Baixa: notas breves*. Castelo Branco: Junta Distrital de Castelo Branco.

VIOLA, Juan J. (1996) «La Raya portuguesa, sus gentes», in CARRASCO GONZÁLEZ, J.M.; VIUDAS CAMARASA, A. (coords.) *Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera* (Cáceres, 1 al 3 de diciembre de 1994). Cáceres: Universidad de Extremadura, vol. 2, pp. 407-410. [Importância do comércio e contrabando desde Valverde del Fresno e Penamacor até Campo Maior e Albuquerque. Reprod. do mapa de la Transierra leonesa de Velo Neto].

## ZONA III – DISTRITO DE CASTELO BRANCO

### HISTÓRIA

Manuela Barros Ferreira; Fátima Palma; Rita Santos

ALARCÃO, Jorge de (2004) «Da Idade do Bronze Final ao Período Suévico no distrito de Castelo Branco», in *Arqueologia: Coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco: Instituto Português de Museus, pp. 46-53.

ALARCÃO, Jorge de (2001) «Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, IV (2) pp. 293-349. Lisboa: I.P.A.

ALMEIDA, D. Fernando de (1977) «As ruínas romanas e visigóticas de Idanha-a-Velha» *Anais da Academia Portuguesa de História*, XXVII (2), pp. 39-58.

ANDRADE, Mário Marques de (1949) *Subsídios para a monografia de Segura: aldeia raiana das mais pitorescas*. Tomar. [2.<sup>a</sup> ed. Tomar, 1988].

ANTUNES, M. T (1992) «Povoados do Bronze Final da Beira Baixa – Alegrios, Moreirinha e Monte do frade: elementos arqueozoológicos», *Conimbriga*, XXXI, pp.31-39.

BARRETO, Alberto Tavares (1990) *História regional da Covilhã*. Porto: Tip. Orion.

BELO, Aurélio Ricardo (1966) «O problema da Torre “Centum Cellae” de Belmonte», *Arqueologia e História*, 8.<sup>a</sup> série, V (12), pp. 25-34. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

CÂMARA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO (1996) *Foral da cidade de Castelo Branco*. Castelo Branco: Câmara Municipal. [Reprodução fac-similada da edição de 1510].

CARDOSO, José (1953) *Castelo Branco e o seu Alfoz – Achegas para uma monografia regional*. Castelo Branco.

CARDOSO, J. Ribeiro (1944) *Subsídios para a História Regional da Beira Baixa*. Castelo Branco: Junta Provincial da Beira Baixa.

CRESPO, Firmino (1907) *A vila de Idanha-a-Nova: monografia descritiva e histórica*. Lisboa.

CUNHA, José Germano da (1892) *Apontamentos para a História do concelho do Fundão*. Lisboa: Tip. Minerva Central.

DELGADO, Rui (1991) *História da Covilhã: 1800 a 1926*. Covilhã: Câmara Municipal.

DIAS, José Lopes (1970) «Tópicos ambientais e humanos para a história cultural e política da Beira Baixa», *Anais da Academia Portuguesa de História*, XIX, pp. 65-150.

ENCARNAÇÃO, José d' (2004) «Emerita e civitas Igaeditanorum. Uma relação bem registada na epigrafia», *Eburobriga. História. Arqueologia. Património. Museologia*, pp. 57-59. Fundão: Revista do Museu Arqueológico Municipal José Monteiro [I].

FARIA, Miguel Figueira (2002) «Fortificações de Portugal na fronteira de Estremadura espanhola», Separata de *Anais*, II. Lisboa: Universidade Autónoma.

FERNANDES, Adelino Pais (2000) *Concelho da Covilhã e memórias paroquiais de 1758*. Fundão: Fundagraco - Soc. Gráfica Fundão Idanha.

GARCIA, José Manuel (1979) «Epigrafia e romanização de Castelo Branco», separata de *Conimbriga*, XVIII, pp. 149-167. Coimbra: Instituto de Arqueologia.

GARCIA, José Manuel (1984) *Epigrafia lusitano-romana do Museu Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco: Museu Tavares Proença Júnior.

GARCIA, Maria Antonieta (1993) *Os judeus de Belmonte: os caminhos da memória*. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões.

GARCIA, Maria Antonieta (2001) *Fios para um roteiro judaico da Covilhã*. Covilhã, Universidade da Beira Interior.

HENRIQUES, F.R; CANINAS, J.P. (1980) *Contribuição para a Carta Arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa*. Vila Velha de Ródão: N.R.I.A.

HENRIQUES, F.R; CANINAS, J.P. (1986) *Nova contribuição para a Carta Arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa*. Vila Velha de Ródão: N.R.I.A.

HORMIGO, José J.M. (1980) *Idanha-a-Nova e seus termos nos séculos XVI e XVII*. [s.l.].

LANDEIRO, José Manuel (1988<sup>3</sup>) *O concelho de Penamacor na história, na tradição e na lenda*. Penamacor: Câmara Municipal.

LEITÃO, Manuel (1994) «Vestígios romanos do concelho de Castelo Branco», *Trebaruna*, pp. 23-41.

LOPES, Flávio (coord.) (1993) *Património arquitectónico e arqueológico classificado: Distrito de Castelo Branco*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

MARQUES, Manuel (2001) *Concelho de Belmonte: memória e história: estudo monográfico do Concelho de Belmonte*. Belmonte: Câmara Municipal.



MONTEIRO, José Alves (1940) *O lugar do Fundão nas origens e na Restauração de Portugal*. Porto.

MONTEIRO, José (1978) *Pequena história de um museu: fundo e catálogo - carta arqueológica do Concelho do Fundão*. Lisboa: União Gráfica.

MOREIRA, Maria João da S. Guardado (1992) *As crises de mortalidade no Concelho de Idanha-a-Nova*. Lisboa: Universidade Nova. [Tese de mestrado em Demografia Histórica. Policopiada].

MOTA, A.J. Salvado (1933) *Monografia d'Alpedrinha*. Alpedrinha.

NUNES, António L. Pires (2002) «Invasões peninsulares - Vila Velha de Ródão (Portugal). Séc. XVIII-XIX» in *Actas do colóquio "As invasões peninsulares e a região de Ródão"*. Vila Velha de Ródão: Câmara Municipal.

NUNES, António Pires (1939) *Os castelos templários da Beira Baixa*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

NUNES, António Pires; RIBEIRO, João Henriques (1980) *Castelo Branco e a sua região: história – arte – etnografia*. Coimbra: EPARTUR - Edições Portuguesas de Arte e Turismo.

POUSINHO, Nuno (2004) *Castelo Branco: governo, poder e elites (1792-1878)*. Lisboa: Colibri.

RAMOS, Sebastião Caldeira (1999) *Memórias da Capinha: uma aldeia do concelho do Fundão*. Seixal: Regigráfica.

ROSA, João Mendes (1997) *Convento de Nossa Senhora do Seixo do Fundão: na história, na lenda e na literatura*. Fundão: Câmara Municipal.

ROSA, João Mendes (2005) *História Cronológica do Fundão*. I. Da Pré-História ao século XIX. Fundão: Câmara Municipal.

SALVADO, Pedro Miguel N. dos S. Forte (1996) *Relações transfronteiriças na raia do Concelho de Idanha-a-Nova: tempo, espaço e memória*. Lisboa: [s.n.]. [Texto policopiado].

SANTOS, José Mendes dos (1994) *Breve história cronológica da Covilhã*. Covilhã: Notícias da Covilhã.

SILVA, Joaquim Candeias (1979) «Subsídios para o estudo da viação romana no SW do antigo território penamacorense», *Separata do I Colóquio de Arqueologia e História*, Penamacor.

SILVA, Joaquim Candeias (2002) *Concelho do Fundão: História e Arte*. Fundão: Câmara Municipal.

SILVA, Joaquim Candeias (2004) «Alpreada e o seu território ao tempo dos romanos. Problemas, realidades e perspectivas». *Ebvrobriga. História. Arqueologia. Património. Museologia*, pp. 61-90. Fundão: Revista do Museu Arqueológico Municipal José Monteiro [I]. [Alpreada = Castelo Novo].

SILVA, Joaquim Candeias (2005) «Ermidas e romarias antigas da Beira Baixa: N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Almortão (Idanha.-a-Nova)», Separata de *Estudos Castelo Branco*, IV (Janeiro). Castelo Branco: [s.n.].

SILVA, José Aires da (1970) *História da Covilhã*. Lisboa: Tip. António Coelho Dias.

SILVA, Pedro Miguel Canitos Rego da (2003) *Memórias paroquiais: transcrições: Concelho de Idanha-a-Nova*. Castelo Branco: Ediraia.

TORRES, Cláudio (1992) «A sé-catedral da Idanha», *Arqueologia Medieval*, I, pp. 169-178. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola/ Edições Afrontamento.

VAZ, João Luís da Inês (1977) «Inscrições romanas do Museu do Fundão», *Conimbriga*, XVI, pp. 5-31. Coimbra: Instituto de Arqueologia de Coimbra.

VILAÇA, Raquel (1995) «Aspectos do Povoamento da Beira Interior (centro e sul) nos Finais da Idade do Bronze», *Trabalhos de Arqueologia IX* (1). Lisboa: Instituto do Património Arquitectónico e Arqueológico.

VILAR, Hermínia Vasconcelos (1996) «Uma fronteira entre poderes: as dioceses de Évora e da Guarda no Nordeste alentejano», *Revista de Guimarães*, pp. 253-273. [Demarcação dos bens das ordens do Templo e de Avis e das dioceses da Guarda e de Évora na zona de Castelo Branco-Portalegre].

# **BIBLIOGRAFIA LÍNGUA E HISTÓRIA NA FRONTEIRA NORTE-SUL**

COORDENAÇÃO: Manuela Barros Ferreira

EQUIPA DE INVESTIGAÇÃO:

Portugal: Amadeu Ferreira, Elisabete Ramos, Ernestina Carrilho, Manuela Barros Ferreira, Miguel Rego.

Espanha: Antonio Viudas Camarasa, José Antonio González Salgado, María Victoria Navas Sánchez-Élez, Xosé Henrique Costas.

COLABORAÇÃO NA COMPILAÇÃO: Fátima Palma, Filomena Gonçalves, Juan Carlos González Ferrero, Rita Santos.

CARTOGRAFIA: Nélia Romba (Portugal); José António González Salgado (Espanha).

REVISÃO EDITORIAL: Manuela Barros Ferreira e José Antonio González Salgado.

Mértola: Campo Arqueológico de Mértola

Dezembro de 2006

## **INTRODUÇÃO**

Esta bibliografia integra-se no programa plurianual do Campo Arqueológico de Mértola. Foi iniciada em meados de 2004 com o objectivo de promover o conhecimento da realidade histórico-linguística da faixa fronteiriça Norte-Sul entre Portugal e Espanha.

As linguagens fronteiriças existentes desde o extremo Nordeste de Portugal ao extremo sul, ou seja de Bragança–Oeste de Zamora até à ao Oriente algarvio–Ocidente andaluz, apresentam uma série de incógnitas que só podem ser elucidadas através da história dos contactos entre Portugal e Espanha. Por esse motivo, considerámos que seria útil reunir uma bibliografia onde se encontrassem os dados indispensáveis para o conhecimento dessas linguagens, da cultura envolvente e das suas origens, desenvolvimento e persistência.

As listagens que agora apresentamos são produto de uma frutuosa colaboração entre estudiosos portugueses e espanhóis. Não se trata ainda, evidentemente, de uma bibliografia exaustiva. Porém, a sua publicação na internet permitirá revisões periódicas de modo a mantê-la actualizada e sobretudo a colmatar as falhas. Entre estas, impõe-se concluir a revisão de todas as referências que não foram obtidas por consulta directa, mas através de bases de dados ou outras bibliografias.

As línguas utilizadas são o português, o espanhol e o galego, conforme os autores que se ocuparam de cada área. Em 1ª, os títulos de capítulos estão em português e mirandês.

## **Língua e História**

História das línguas e História dos povos andam de muitos modos ligadas: povoamentos, armamentos, êxodos e invasões, migrações e conseqüente mescla de povos, dominação de uma camada social por outra, desenvolvimento técnico, domínio de determinados meios de comunicação, prestígio, estatuto, tudo isto se reflecte na linguagem. Dois exemplos opostos bastam: a afirmação fulgurante do mirandês causada pelo seu reconhecimento oficial; e a substituição do português pelo espanhol em Olivença, ao longo de dois séculos. No que concerne as bibliografias respectivas, vemos que, em relação a Miranda, a que diz respeito à língua é aquela que se destaca; enquanto que, em Olivença, é a bibliografia histórica que congrega a maioria dos estudos. Ao longo da fronteira, a quantidade e a qualidade dos estudos existentes modifica-se, consoante o distrito (português) ou a província (espanhola) em que nos detemos. A História de Miranda não pode ser compreendida se não for integrada na da antiga Terra de Miranda, e esta na do Douro internacional e Trás-os-Montes oriental. Por conseguinte, a sua História aparece aqui integrada na do distrito de Bragança. Já a bibliografia de Olivença merece ser isolada de todo o resto, na medida em que esta localidade e o seu entorno constituem “um caso” de cariz político-administrativo.

## **As linguagens fronteiriças**

Ao longo de quase toda a fronteira entre Portugal e Espanha se observa a influência mútua entre os dialectos vizinhos. Como espaço abrangido, foi escolhida uma faixa, ao longo da linha Norte-Sul, separando o Leste de Portugal do Oeste Espanhol, onde o contraste linguístico é muito mais acentuado do que na linha política que divide a Galiza e Portugal. A antiga história de pertença asturo-leonesa, que está na origem do mirandês, riodonorês e guadramilês; o enclave galego ou galego-português do Vale de Xálima, no extremo norte da província de Cáceres; o português de Cedillo, Herrera de Alcántara, Olivença e outras localidades da Extremadura espanhola; as influências extremenhas em Barrancos –para não citar senão os exemplos mais conhecidos– constituem outros tantos casos de estudo, pelas questões controversas que levantam o seu aparecimento, preservação e, nos últimos cem anos, gradual dissolução na língua nacional respectiva. Referências esparsas indicam que existem várias outras localidades, tanto do lado espanhol como do português, em que parte do vocabulário e alguns aspectos fonológicos são comuns, ainda insuficientemente conhecidos e descritos ou aprofundados. Ainda não foram feitos senão tímidos avanços sobre a existência de algumas continuidades, por exemplo a extensão de fenómenos típicos da zona de Castelo Branco-Portalegre nas povoações espanholas vizinhas, como se indica, claramente, na obra de M<sup>a</sup> da Conceição Vilhena.

Apesar do seu interesse como objecto de estudo, as linguagens da faixa oriental portuguesa suscitaram uma quantidade ínfima de pesquisas desde os anos setenta. A

partir dos anos noventa, surgiu porém uma preocupação de descritivismo aplicado: paralelamente, mas no sentido inverso ao da integração europeia e da afirmação de uma língua única de comunicação internacional, observou-se o recrudescimento do interesse pelas identidades locais, partindo, obviamente, dos próprios locais. Várias comunidades periféricas, tanto em Portugal como em Espanha, começaram a assumir a sua herança linguística e a buscar, por um lado, afirmá-la como património imaterial necessitando registo gravado e preservação da memória, e, por outro, a intensificar a sua descrição e estudo, de modo a alcançar uma unificação da escrita que permitisse criar documentos da sua existência.

### **Conteúdos da bibliografia**

Esta bibliografia concerne, em primeiro lugar, a língua falada, a história da fronteira e as características identitárias das comunidades fronteiriças. Cada espaço geográfico-administrativo e linguístico é tratado em três sectores: Língua, História e Cultura. Dentro de cada um, há diferenças de conteúdos de região para região, não só em quantidade de obras apresentadas, como em qualidade e tipo, dependendo essa variação da própria situação cultural de cada zona e do interesse que tem despertado entre os estudiosos.

No sector de Língua, dada a proveniência não-académica de muitas das obras apresentadas, não se fez qualquer separação entre os estudos eruditos e os de curiosos locais, nem distinção entre os domínios de estudo (Sociolinguística, Fonologia, Lexicologia, etc.). Os estudos de linguagem e etnografia relativos a Riodonor e Guadramil (que, como é sabido, se enquadravam no domínio linguístico asturo-leonês), ficaram integrados na “Língua” do Distrito de Bragança, onde também se encontram outras informações sobre vestígios leoneses dispersos pelo distrito.

No sector de História procurou-se incluir obras que de qualquer modo tratem qualquer ponto de interesse para as relações humanas dos povos fronteiriços, sem separação formal da época a que se referem.

O sector de Cultura refere-se aqui, essencialmente à cultura tradicional das populações rurais, integrando Etnografia, Antropologia Cultural, Literatura Oral e estudos vários. Excluíram-se, pelo seu carácter transitório, informações sobre programas transfronteiriços em curso.

### **Demarcação da faixa fronteiriça**

No plano prático, a zona fronteiriça teria de ser o intervalo entre duas linhas nítidas, demarcando um espaço possível de inter-comunicação ao longo da fronteira. Perante a escassez de estudos existentes sobre as localidades estritamente fronteiriças, este espaço foi sendo sucessivamente alargado, acabando por se fixar, do lado espanhol, no traçado da antiga Via de La Plata (excepto na parte sul); do lado português, pelo facto de não se conhecer, no interior do país, uma via Norte / Sul histórica, foi adoptada como limite, excepto nas extremidades norte e sul, a estrada IP 2. Trata-se de simples limites de referência, condicionados pela bibliografia disponível.

Sabendo-se que as zonas linguísticas, as regiões naturais e as divisões administrativas não são coincidentes, na divisão do espaço em zonas de estudo adoptou-se um critério geográfico-administrativo: em Portugal, os distritos e, na Espanha, as províncias. Procurou-se estabelecer uma máxima de correspondência entre os espaços contíguos Portugal-Espanha, juntando alguns distritos de modo a que às 5 províncias espanholas correspondessem cinco zonas portuguesas.

### Correspondência entre distritos portugueses e províncias espanholas

PORTUGAL	ESPAÑA
ZONA I BRAGANÇA  Zona Ia Miranda	ZONA I ZAMORA
ZONA II GUARDA	ZONA II SALAMANCA
ZONA III CASTELO BRANCO  ZONA III PORTALEGRE	Zona IIIa Xálima  ZONA III CÁCERES
Zona IVa Olivença / Olivenza	
ZONA IV ÉVORA  Zona Va Barrancos	ZONA IV BADAJOZ
ZONA V BEJA  ZONA V FARO	ZONA V HUELVA

Cada uma destas áreas apresenta três bibliografias: Língua, Cultura e História, excepto a de Ia - Miranda do Douro, que, em vez de História (integrada na de Bragança) tem um sector próprio de Literatura. Faro e Beja, por sua vez, apresentam um sector de História conjunto.

Olivença apresenta-se como zona de dupla pertença. Esta opção reflecte duas situações de facto: por um lado, a actual administração espanhola desse território; e por outro, o não reconhecimento por Portugal da fronteira do Guadiana nesse local. Em consequência desta posição, as bibliografias de Olivença / Olivenza, zona IVa, tal como as que dizem respeito à fronteira propriamente dita («Geral Fronteira») foram executadas em conjunto por linguistas portugueses e espanhóis.

# Demarcação da Área Estudada



0 150 Km

— - Delimitação do espaço abrangido

